

Discursos em conflito: erística, palavra-arena e relações interdiscursivas agonísticas

Discourses in conflict: eristics, word-arena and agonistic interdiscursive relations

Rony Petterson Gomes do Vale¹

Resumo: Neste ensaio, buscamos colocar em questão as relações conflituosas entre sujeitos e discursos, evidenciando um campo de investigação sobre os movimentos, da simples alteração até a violência verbal, dos/nos tipos de discursos que circulam em nossa sociedade. Nesse percurso, partimos, para falar das formas de combates verbais, da técnica da erística antiga, suas diferenças com relação à retórica e à dialética e sua absorção pela disputa, no período medieval. Em seguida, discutimos as características do campo dessas batalhas: a palavra arena, nos moldes do Círculo de Bakhtin, um *locus* não somente de lutas ideológicas, mas também de entretenimento. Por fim, apresentamos uma proposta de compreensão da defesa de posicionamentos dentro e entre os tipos de discursos, especificando o seu caráter agonístico das relações mantidas a partir da análise da instrumentalização, simulação e espetacularização da polêmica.

Palavras-chave: Análise do discurso. Posicionamento. Polêmica.

Abstract: In this essay, we seek to question the conflicting relationships between subjects and discourses, highlighting a field of investigation into the movements, from simple altercation to verbal violence, of the types of discourses that circulate in our society. In this path, we begin by discussing the forms of verbal combat, the technique of ancient eristics, its differences in relation to rhetoric and dialectics, and its absorption by dispute in the medieval period. Next, we discuss the characteristics of the field of these battles: the word arena, in the mold of the Bakhtin Circle, a locus not only of ideological struggles, but also of entertainment. Finally, we present a proposal for understanding the defense of positioning within and between types of discourses, specifying the agonistic character of the relationships maintained based on the analysis of the instrumentalization, simulation, and spectacularization of polemic.

Keywords: Discourse analysis. Positioning. Polemic.

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Introdução

O discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho.

(Maingueneau, 2004a, p. 172)

Discursos que abrem caminho em meio a outros: uma imagem que tem o potencial de descrever uma situação menos harmoniosa do que conflituosa e, ao mesmo tempo, ambígua. Ambígua, sobretudo, pela presença do termo *discurso*. Essa imagem pode nos proporcionar, por exemplo, a visão de homens comuns que, deixando a submissão irrestrita a outros homens dotados de poder (divino, natural, financeiro ou militar), decidem pelo caminho do *discurso*, isto é, do diálogo, da negociação e das leis escritas – caminho esse, por vezes, não menos violento e competitivo que o apelo à resolução dos problemas pela força física. Ambígua, também, no sentido de que pode colocar em cena a visão do conjunto das produções discursivas de uma determinada época (o discurso comunista ou o discurso capitalista do século XX; o discurso ambientalista ou o discurso negacionista do século XXI, etc.), bem como os limites porosos e as relações conflituosas entre essas mesmas produções na busca pelo estabelecimento e estabilidade do(s) sentido(s) circulante(s) em dada sociedade.

Nessa linha, podemos pressupor que, para haver conflito, deve também existir, de certo modo, ou uma situação inicial de normalidade ou uma busca por uma situação de equilíbrio. Nesse passo, é interessante notar como as acepções da palavra *conflito* (lat. *conflictus*, us ‘choque, combate, embate, luta’) já nos indicam a pressuposição dessa situação de equilíbrio (inclusive, de normalidade discursiva), uma vez que parte desde uma “falta de entendimento em duas partes”, passando por “enfrentamento, discussão, alteração, divergência” até “constatação recíproca entre autoridades pelos mesmos direitos, competências ou atribuição” (Houaiss, 2009). Numa via mais analítica, Charaudeau (2016) propõe que o surgimento de conflitos se dá, principalmente, a partir de dois sentimentos: i) o sentimento de insatisfação e ii) o sentimento de injustiça. Em (i), o desejo por mais poder, riquezas e prestígio gera, por um lado, devido à insatisfação dos poderosos, a busca pela conquista de (mais) bens (territórios, propriedades, hegemonia étnica ou religiosa, etc.) e, por outro, a necessidade, por parte dos mais fracos, de defender esses bens, o que acaba acarretando guerras de diferentes naturezas, internas e externas. Já em (ii), o fato de certos grupos se sentirem injustiçados, devido à perda de privilégio ou por se sentirem vítimas de preconceitos diversos, faz com que tais grupos queiram encontrar meios para eliminar – ou diminuir – as desigualdades sociais, o que também

pode levar a guerras, tanto de natureza física (através das armas) quanto discursivas (através dos argumentos). Em suma, a busca pela situação de equilíbrio gera um choque de interesses entre sujeitos (individualmente²), entre grupos de sujeitos (coletividade) e entre instituições (sociedades).

Nesse último caso, se instituições podem entrar (e normalmente entram) em conflito, os discursos que elas promovem também refletirão (e refratarão), de certa maneira, esses conflitos em busca da situação de equilíbrio, que pode ser considerada a última etapa de um processo “que se inscreve num jogo de relações de forças entre posição de poder e de contrapoder”, isto é, a *regulação social* (Charaudeau, 2016, p. 12). Em tal processo de regulação, essas relações podem assumir ou o caráter de *dominação/submissão*, quando as forças em jogo apresentam potências desiguais (gerando desequilíbrio), resultando na neutralização ou até mesmo na eliminação total do outro; ou podem assumir o caráter de *negociação*, quando as partes envolvidas possuem potências iguais e a mesma capacidade de submeterem uma a outra, gerando, de início, relações antagônicas, passando, em seguida, para a estabilização das forças e, por fim, chegando à negociação, propriamente dita, dos termos do acordo. Ao final desse processo, instaura-se uma situação de equilíbrio:

[...] ou porque uma das partes passa para o domínio total do outro (como nas colonizações, nos conflitos étnicos após a eliminação de populações e nas fusões de partidos políticos), ou porque a parte inicialmente atacada tenha resistido e obrigado a outra parte a se retirar ou a recuar; ou ainda porque, fazendo valer sua força, as duas partes se mantêm e coexistem com uma nova repartição de estatutos e de papéis ao perderem ou ao ganharem alguma coisa (Charaudeau, 2016, p. 13).

Como podemos ver, tanto a dominação/submissão quanto a negociação, principalmente esta última, são, em grande parte, elaboradas (regidas, regulamentadas e orientadas) através do discurso. Disso resulta que a *análise dos discursos em conflito* pode ser entendida *tanto como* a compreensão do embate entre sujeitos (do discurso) que abrem caminho entre outros sujeitos e que se digladiam numa dada arena (social e discursiva), portando identidades psicossociais e discursivas mais ou menos identificáveis (o político X, o escritor Y, o jornalista Z, o pastor W, etc.) ou representando entidades compósitas (o congresso, o partido, a igreja, a imprensa, etc.); *quanto* como a reflexão a respeito da luta entre as produções discursivas e os posicionamentos sociodiscursivos circulantes em uma época e lugar. Num nível mais abstrato: a batalha travada entre os discursos midiático, político, religioso, científico, entre outros, por uma certa hegemonia dos sentidos.

² Situações nas quais desejos, impulsos e tendências antagônicas lutam internamente num mesmo indivíduo.

A arte de vencer com o discurso: a erística

Mas vocês de mim vão ouvir toda a verdade – porém não, varões atenienses, por Zeus, discursos “beletrificados”, como os deles...
(Sócrates³)

A compreensão do embate entre sujeitos (do discurso) não é necessariamente uma novidade. Já na Antiguidade clássica, havia uma preocupação com o uso do discurso voltado para o combate verbal, a *eristiké tekhné* (gr. ἔρις ‘contenda, confronto’). De fato, a *erística* é muitas vezes compreendida como uma vertente argumentativa “mais agressiva” da sofística e da retórica, essas últimas surgidas de uma confluência de fatores de ordem: a) histórica e política (o nascimento da democracia ateniense no final do século V a. C., que trouxe a fala pública, na ágora e na assembleia, para o primeiro plano); b) social e cultural (a consciência das diferenças culturais dentro do mundo grego, influenciada pelo afluxo de pessoas para Atenas, com destaque para os próprios sofistas); e c) educacional e profissional (a implementação de uma robusta pedagogia para atender às novas necessidades políticas e judiciárias no novo regime).

Arte da controvérsia, a *erística* pode ser considerada uma forma de argumentação especificamente focada na busca pela vitória no debate, sem maiores preocupações com a verdade ou com a ética, e que recorre, conforme o caso, a estratégias não muito confiáveis, ora implícitos, como os *semina probationum*⁴, ora explícitos, como os sofismas. Isso se deve ao fato de a *erística* assumir, conforme Guthrie (2007), os princípios “filosóficos” e os métodos “retóricos” dos sofistas, esses profissionais da argumentação e persuasores superficiais, para os quais o maior desejo não é o da sabedoria (*sophia*), mas tão somente o desejo de bater seus adversários nos debates, mesmo que para isso tenham que “fazer prevalecer a causa pior sobre a melhor” (Rocha Pereira, 2012, p. 454). Nesse empreendimento, a retórica sofista é regida não pela busca da *verdade* (como queriam Sócrates e Platão), mas pelo princípio do *homo mensura* (de Protágoras, c. 486-410), isto é, “o homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto existem, e das que não são, enquanto não existem” (Rocha Pereira, 2012, p. 450), o que, a depender do caso, pode ser utilizado para defender e legitimar tanto a violência quanto a tolerância. Isso porque “não existe verdade em si, mas uma verdade de cada indivíduo, de

³ *Apologia de Sócrates*, in: Coobert & Connors (2022, p. 273).

⁴ Os *semina probationum* podem ser compreendidos como uma estratégia retórica, proposta principalmente por Quintiliano, que, entre a *inventio* (ou a descoberta dos argumentos) e o *oratio* (ou o discurso propriamente dito), recomenda já ir disseminando “sementes das provas” (lançar, calar, depois retomar) na narração dos fatos (por exemplo, na oratória jurídica), preparando o “terreno” para a argumentação propriamente dita (Barthes, 2019, p. 79-80).

cada cidade, que o importante é aquilo que lhe permite fazer-se valer e impor-se, que é precisamente a retórica” (Reboul, 2004, p. 7). Desse modo, a *erística* (parte dessa retórica sofista) se consubstancia em luta, em competição verbal:

Dois adversários se enfrentam diante do público: um sustenta uma tese – por exemplo, que o prazer é o bem supremo –, e a defende custe o que custar; o outro ataca com todos os argumentos possíveis. O vencedor será aquele que, prendendo o adversário em suas contradições, conseguir reduzi-lo ao silêncio, para a grande alegria dos espectadores (Reboul, 2004, p. 27).

Diante de tal “espetáculo”, há que se questionar qual é a diferença entre a *erística* e a *dialética*. Basicamente, a resposta é: *o não fazer triunfar o absurdo ou o falso*. Na *erística*, partindo da premissa de que, diante de qualquer assunto, pode-se fazer todo argumento se opor a outro, é permitido (e até recomendado) o uso de sofismas, ou seja, de formas de raciocínio que não obedecem à lógica, tornando-se aparentes ou ilusórios⁵ ou mesmos ridículos e estúpidos⁶. Na *dialética*, ao contrário, a busca pela verdade do conhecimento deveria ser sempre o princípio norteador das discussões, na acepção que Sócrates e Platão davam à dialética e, por extensão, à retórica. Já Aristóteles aplica o critério do verossímil à retórica e o critério do provável à *dialética*, uma vez que ambas tratam de opiniões, e não necessariamente da verdade, diferenciando, desse modo, tanto a dialética quanto a retórica da sofística/erística no que diz respeito ao verdadeiro e ao verossímil: a *dialética* distinguindo entre o silogismo verdadeiro e o sofisma; e a retórica, entre o entimema persuasivo e o embuste.

É importante ressaltar que, na Idade Média, a *erística* continuou, mas, de certo modo, foi absorvida pela *disputa* – “gênero didático dialético, voltado para proposições religiosas e científicas”, conforme Plantin (2004, p. 255) –, uma vez que o contexto sócio-histórico exigia uma adaptação dos gêneros retóricos clássicos às novas situações de comunicação no âmbito (sob a tutela) da Igreja. Segundo Barthes (2019), a *disputa* era uma cerimônia, um torneio, mediada por um mestre que, após algumas rodadas, decidia o vencedor do debate. Como prática “esportiva”, formava-se “atletas da palavra”: “a palavra é o objetivo de prestígio e um poder regulamentado, a agressividade é codificada” (Barthes, 2019, p. 25). Como exemplo, podemos citar o caso de Pedro Abelardo (1079-1142), que “derruba” seu mestre Guillaume Champeaux, toma-lhe os alunos pagantes e obriga-o a renunciar ao realismo.

Como acabamos de ver, a *erística*, enquanto arte (*tekhné*) ligada ao uso do discurso, coloca em evidência o embate, os sujeitos e suas armas; todavia, ela não fala do lugar no qual

⁵ Como, por exemplo: Bolsonaro era a favor da cloroquina para o tratamento da Covid-19. Você também. Logo, você é bolsonarista.

⁶ Com por exemplo: O rato (*mys*) é um animal nobre, pois é dele que os Mistérios (*mysteria*) provêm (Aristóteles, 2011, p. 200).

esse conflito deve se materializar. Dessa maneira, antes de passarmos para os atritos (mais abstratos) entre os tipos de discursos, devemos refletir sobre a *arena* na qual os discursos sociais tomam forma, se realizam e se enfrentam: falamos aqui da *palavra*, na perspectiva do Círculo de Bakhtin.

A arena das lutas discursivas: a palavra

[...] toda palavra é uma pequena arena em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate.
(Volóchinov, 2021, p. 140)

De modo similar a *discursos abrindo caminho entre discursos*, a metáfora da *palavra* sendo uma arena nos remete à ideia do embate entre gladiadores na Roma antiga. De fato, o espírito de luta reivindicado aqui leva a compreensão do conceito de “palavra” para o campo semântico da guerra, da violência e, por que não dizer, do entretenimento (*panem et circenses*). Todavia, em Bakhtin e no seu Círculo, à ideia de *palavra/arena*, enquanto *locus* de negociação de valores e sentidos, se junta toda a problemática tanto do acordo entre os sujeitos da linguagem quanto da luta ideológica entre diferentes classes sociais. A *palavra*, pois, passa a ser tomada em sua historicidade, como objeto concreto, realizada em situação de comunicação real, e assume duas acepções diferentes, mas complementares, a saber: i) *palavra-signo*; e ii) a *palavra-discurso*⁷.

Em (i), a *palavra-signo* pode ser entendida ora como *signo neutro*, ora como *signo ideológico*. Como *signo neutro*, a palavra se apresenta como lugar de ninguém e de todos, uma vez que pode funcionar como meio de qualquer ideologia e, a princípio, em qualquer situação de comunicação social. Isso porque o signo, como parte de um sistema linguístico, se apresenta da mesma forma para toda a coletividade que usa uma língua; todavia, a “classe [social] não coincide com a coletividade sógnica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunidade ideológica. Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas” (Volóchinov, 2012, p. 112-113). Ou seja, o *signo neutro* é somente um estágio na passagem da palavra da língua (sistema) para o uso (discurso). Quando deste último, tem-se o *signo ideológico*, marcado pela ênfase do sujeito do discurso através da *entonação*, isto é, através dos

[...] valores atribuídos e/ou agregados àquilo dito pelo locutor. Esses valores correspondem a uma avaliação da situação pelo locutor posicionado historicamente frente ao seu interlocutor. O falante, ao dar vida às palavras com sua entonação,

⁷ De acordo com Stella (2012), o termo *slovo* (‘palavra’) em russo já carrega a possibilidade de correspondência direta com os termos *palavra* e *discurso* do português e suas acepções.

dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista sobre esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor (Stella, 2012, p. 178).

A *palavra*, então, apresentar-se-á de três modos para os sujeitos do discurso: a) *palavra língua*, não pertencente a ninguém, sem acento valorativo; b) *palavra alheia*, pertencente a outrem, com vestígios de enunciados já ditos; e c) *minha palavra*, impregnada de valorização e expressividade do sujeito locutor (Flores et al, 2009). Todavia, as palavras (*stricto sensu*) devem se encontrar em “enunciados concretos de determinados falantes” (Bakhtin, 2010a, p. 274), pois é somente através destes que o discurso poderá existir.

Com isso, em (b), a *palavra-discurso* passa a ser parte constitutiva da problemática dos gêneros do discurso, uma vez que estes últimos são formados não somente pelo seu *conteúdo temático* e sua *construção composicional*, mas também pela *seleção dos recursos* lexicais – logo, palavras (*stricto sensu*) –, gramaticais e fraseológicos de uma língua (Bakhtin, 2010a). Nesse passo, é importante reter a ideia de que a *palavra-signo*, embora cooptada na seleção dos recursos da língua, chega até nós, sujeitos do discurso, através dos enunciados, ou melhor, através dos gêneros do discurso. De fato, é através dos enunciados de outrem que as palavras chegam até nós, e, num caminho inverso, é através de enunciados que nossas palavras chegam até os outros. Nessa troca, é preciso associar a essas palavras, agora partes de *enunciados relativamente estáveis* (portanto: gêneros do discurso), as ênfases e as valorizações individuais e sociais multidirecionais e, por vezes, contraditórias entre si, tornando inevitável, como já afirmou Volóchinov (2021), o embate discursivo.

Isso se deve também ao fato de que, como nos aponta Bakhtin (2010b), todo enunciado responde ou antecipa um outro enunciado, já dito – ou ainda por ser dito –, o que equivale a dizer que todo discurso possui uma “orientação dialógica”, ou seja, se volta para uma resposta (ativa ou retardada) da qual a produção do discurso não pode se “esquivar”, pois a “resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão *ativa*, percebendo o discurso como *oposição ou reforço* e enriquecendo-o” (Bakhtin, 2010b, p. 89, grifos nossos).

Resulta do que foi dito que, ao tomarmos a *palavra* (signo/discurso⁸) como *arena* para a realização dos conflitos entre os discursos⁹ sociais, assumimos que a *resposta* já se encontra em estado embrionário na produção discursiva, pois, sendo pressuposta, pode ser antecipada,

⁸ Aqui cabe atentar para a impressão de eco no uso do termo *discurso*. Isso porque, em Bakhtin, *discurso* e *enunciado* podem ser tomados, por vezes, como sinônimos.

⁹ Já aqui, estamos utilizando o termo discurso na acepção de tipos de discurso ligados a grandes setores da sociedade (Maingueneau, 2004e), como, por exemplo, os discursos literário, político, religioso, midiático, entre outros.

rejeitada, orientada, silenciada... em movimentos mais ou menos agressivos, a exemplo das táticas da *erística*.

Das relações interdiscursivas agonísticas¹⁰

Como vimos, a *erística* (sofística/retórica/dialética) e a *palavra-arena* (Bakhtin/Volóchinov) direcionam nossa compreensão não somente aos embates discursivos, mas também às formas de conceber o *discurso outro* em nossos discursos, ora prevendo e derrubando argumentos, ora pressupondo ou adiantando respostas. Em termos de Análise do Discurso, isso evidencia a propriedade de todo o discurso de estabelecer *relações multiformes* com outros discursos, isto é, a *interdiscursividade* (Maingueneau, 2004b). Tal propriedade diz respeito a um espaço no conjunto de discursos de uma dada conjuntura: o *interdiscurso*. Esse espaço é marcado, de acordo com Charaudeau (1993 *apud* Maingueneau, 2004b, p. 286), por um “jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte material, mas de cuja configuração não se tem memória”. Em outras palavras, para se constituírem, os discursos mantêm relações *explicitas* (discurso citado, paráfrase, paródia, etc.) e *implícitas* (ou seja, não deixam marcas visíveis na tessitura textual), bem como relações *delimitativas recíprocas* (por vezes, contraditórias e antagônicas) que sustentam o seu “sentido interdiscursivo” através do debate com a alteridade. A essas relações dá-se o nome de *relações interdiscursivas*.

E, como parte fulcral desse jogo de reenvios entre discursos, há certas relações interdiscursivas que podem fazer aflorar, com maior vigor, o “conflito regulado” (Maingueneau, 2008) que há entre os tipos de discursos, como: a *instalação da polêmica*; o *questionamento da paratopia e do status de discurso constituinte*; as *guerras pela verdade*, para citar algumas. A essas relações denominaremos *relações interdiscursivas agonísticas*. E a título de exemplo, apresentaremos, a seguir, uma breve reflexão sobre o potencial agonístico da *polêmica*, principalmente no que tange à orientação discursiva dessa relação voltada não para a busca do acordo social, mas sim o dissenso.

Um exemplo: a polêmica

Falar sobre a *polêmica* é se emaranhar num assunto delicado, o que se deve ao fato de que esse objeto pode ser compreendido de diferentes perspectivas (retórica, linguística,

¹⁰ Do grego ἀγών (‘competição’) – aparece na formação de adjetivo *agonístico* com as acepções de: ‘polêmico; combativo’, usado tanto para os conflitos físicos, psicológicos e ideológicos (Mautner, 2011). Enquanto substantivo feminino, *agonistiké (techné)* carregava ainda certo sentido adjetival: ‘que concerne à guerra’. O que, em retórica antiga, levou o termo a nomear “uma técnica de argumentação, usada para fazer valer uma opinião”, principalmente em jogos dialéticos (Houaiss, 2009).

comunicacional, discursiva) não totalmente discordantes, mas antes complementares entre si. De fato, o termo *polêmica*, desde sua etimologia (gr. *πολεμική τέχνη* ‘arte da guerra, ciência do combate’) até a sua inscrição nas línguas modernas (p. ex. no português: ‘discussão, disputa em torno de questão que suscita muitas divergências; controvérsia’ – Houaiss, 2009) carrega em si as ideias de *conflito*, *arte* e *discurso* imiscuídas. À vista disso, não é de se surpreender que Maingueneau (2004c) procure colocar em evidência os principais usos desse termo: de um lado, seu uso *adjetival* (“um debate polêmico”), que se presta para indicar certa organização discursiva que se materializa sob a forma de regime ou registro linguístico, voltado para um “claro objetivo de refutação”; de outro lado, o seu uso *substantival* (“a polêmica”), relacionado a um dado conjunto de textos, marcado por “divergências fundamentais entre posicionamentos”, isto é, por *controvérsias*, muitas vezes, *sem solução*, “o que leva a postular uma intercompreensão constitutiva, cada um dos posicionamentos se definindo por uma relação regrada com os outros, cuja identidade é tacitamente conservada” (Maingueneau, 2004c, p. 379-380).

Desta feita, assumiremos a divergência entre posicionamentos se nos apresenta como marca distintiva da *polêmica*, pois que, é importante notar, o próprio conceito de *posicionamento* traz em seu bojo o gérmen do *conflito*. Devido ao uso de determinado vocabulário ou de certo registro/regime, ou mesmo pela seleção de um gênero discursivo/textual, a escolha de um posicionamento instaura uma ambiguidade na constituição das identidades enunciativas dentro de um dado campo discursivo, uma vez que, ao se assumir um posicionamento, se diz *o que não se é*; logo, constituindo-se. Isso porque

[...] uma identidade enunciativa não é fechada nem cristalizada, ela se conserva por meio do interdiscurso por um trabalho incessante de reconfiguração. O posicionamento não diz respeito apenas aos ‘conteúdos’, mas às diversas dimensões do discurso: ele se manifesta na escolha deste ou daquele gênero, no modo de citar etc (Maingueneau, 2004d, p. 392).

Com isso, *posicionamento* se mescla com o próprio conceito de *discurso*, possibilitando pensar este último tanto com um *sistema que gera um conjunto de textos* quanto o próprio *conjunto gerado dentro de um dado posicionamento* (Maingueneau, 2004a). Desse modo, uma vez gerado, esse conjunto de texto, oriundo de um dado discurso (p. ex.: comunista), apresenta um posicionamento que, por natureza, instala um “espaço conflituoso”, interno e externo ao campo discursivo (no caso, comunista). Esse espaço corresponde ao lugar que dado locutor concede a si mesmo e de onde ele vai defender seus pontos de vista, valores, etc., em contraposição aos outros discursos e posicionamentos. Isso, por vezes, pode desencadear, no seu extremo, o uso de um registro baseado numa refutação agressiva dos argumentos/ideais

contrários, ou mesmo uma tentativa de destruição (moral e até mesmo física) do outro, a partir de algum matiz de *violência verbal*¹¹.

Como poderia parecer, não falamos aqui de “bate-bocas” entre comensais em bares nas esquinas do mundo, nem de “barracos” entre donas de casa nas periferias das cidades. Quando aventamos a relação entre a violência verbal e a polêmica, atribuímos um caráter “instituído” (Maingueneau, 2010) aos discursos que promovem a polêmica, isto é, não se trata de conversação espontânea do dia a dia, mas de gêneros (discursivos/textuais) institucionalizados, voltados para a discussão de problemáticas de interesse público que se desenvolvem numa certa sucessão temporal. Isso nos leva a ter que evidenciar que a violência verbal é uma noção de manejo analítico difícil, pois, embora a erística tenha nos legado algumas técnicas argumentativas (refutação, injúrias, difamação, etc.) que possam ser associadas a certas marcas linguísticas de violência verbal (como a negação, a apóstrofe, os operadores de contrajunção, os termos avaliadores, etc.), os textos podem, por vezes, não apresentar tais marcas de modo suficiente para serem considerados polêmicos.

Efetivamente, parece-nos melhor adotar para a análise da *polêmica* uma dimensão pragmático-enunciativa e, desse lugar, aferir para ela, conforme Maingueneau (2010), uma encenação enunciativa na qual a organização das instâncias (*locutor, destinatário, alvo e tiers*¹²) e suas atitudes discursivas (força ilocucional) têm o potencial de fazer perceber se o uso de certas formas linguísticas materializam (ou não) a violência verbal. Em tal encenação deve-se ressaltar o quão fundamental é o papel do *tiers* (“terceiros”) no processo polêmico, pois é ele o garantidor das normas do debate: “Trata-se do bom senso, dos valores democráticos, do catolicismo, da defesa dos pobres, etc., é porque os adversários pressupõem a existência de uma norma que se impõe a ambos que eles podem polemizar” (Maingueneau, 2010, p. 192). Nessa encenação – diremos – prototípica, dois padrões de dinâmica da *polêmica* são esperados:

¹¹ Para Charaudeau (2019), a *violência verbal* é também uma noção de manejo complicado nos estudos discursivos, já que, para que um ato de linguagem seja tido como violento, é necessário que um dado receptor o interprete como um *ato de agressão*, o que, por vezes, pode não vir a acontecer. Isso porque as palavras e orações, em si mesmas, não são ofensivas; logo, elas podem assumir valores positivos (afeição/afetivo) ou negativos (agressão/agressivo) a depender da situação imediata de comunicação, do contexto sócio-histórico e dos hábitos e costumes culturais adotados (o que é um ato de agressão para uma dada sociedade não necessariamente o será para outra), além, é claro, da intenção deliberada de estigmatizar o outro. Com isso, “a violência verbal precisa, para sua qualificação, da reação de alguém que sentirá, avaliará, julgará o ato de linguagem que lhe é dirigido (ou dirigido a outro) como ferino, ofensivo ou indiferente. Esse outro pode até desqualificar o ato de agressão verbal, retribuí-lo a seu agressor, *entrando em uma relação polêmica*. [...] a violência verbal pode originar *um combate de palavras*” (Charaudeau, 2019, p. 5, grifos nossos).

¹² Numa tradução literal: “terceiro”. Enquanto conceito na Análise do Discurso, devemos tomar o *tiers* como um sujeito *presente-ausente* à enunciação, ou seja, aquele que é pressuposto na enunciação, chamado a julgar, testemunhar, mas não o destinatário direto do enunciado, muito menos a quem será dado o direito à palavra (Charaudeau, 2004).

i) um primeiro, no qual um texto iniciador (da polêmica) provoca enunciados contrários (prevendo ou não respostas possíveis); ou ii) um segundo, no qual um texto, retrospectivamente, responde a um texto anterior (polêmico ou não), tornando este último alvo de um julgamento e desencadeando, em sequência, outras respostas (Maingueneau, 2010).

Essa encenação prototípica, contudo, não prevê a possibilidade de que a *polêmica* sofra um processo de espetacularização para atender não às necessidades do interesse público em debate, mas a interesses, digamos, particulares. Nesse ponto, Amossy (2017) dá destaque para as mídias que, para além do seu papel de difundir, tendem a orquestrar a *polêmica*, iniciando-a ou mesmo tomando um partido no debate. Isso porque, longe de se preocuparem com a reflexão sobre o assunto em questão, as mídias antes propõem, com a invenção de um “furo jornalístico”, uma atividade lúdica, baseada numa “curiosidade insana que o público das mídias tem pelo espetáculo da violência verbal” (Amossy, 2017, p. 3), e pela qual, como numa batalha de luta livre, vencedores e perdedores podem ser apontados e celebrados. Com isso, as mídias mantêm a *polêmica* em circulação não mais como a busca de dois sujeitos pela solução de problemas de interesse público, mas como “discursos que tratam, à sua maneira, em sua plataforma¹³ e em seu contexto particular, de uma questão controversa” (Amossy, 2017, p. 200). Nesse contexto, a autora ressalta uma mudança de postura do jornalista (ou de outro sujeito com função semelhante nas diversas mídias de hoje):

O jornalista constrói a polêmica, no sentido de que ele constrói um diálogo virtual entre partes que se pronunciam numa rica variedade de ditos e escritos. Ele seleciona, ordena e produz uma interação virtual entre os representantes dos prós e dos contras – aqueles que tiveram entre si interações diretas e aqueles que não tiveram. Faz repercutirem as falas dos atores sociais que selecionam, dividindo-os em dois grupos opostos – os dos proponentes e os dos Oponentes. Permite, assim, que o leitor se reconheça na massa dos discursos que circulam no espaço público, estruturando essa massa e fazendo com que ela faça sentido para o leitor (Amossy, 2017, p. 202).

De outro modo, diremos que esse jornalista, ao construir esse “diálogo virtual”, assume na verdade o papel de *scriptor* (Mello, 2004), uma vez que, na procura desse “furo jornalístico”, ele organiza agora a encenação da *polêmica*, colocando-a em movimento, à moda dos textos teatrais, a seleção de personagens, de assuntos, de falas, de cenários, das didascálias, etc. Logo, podemos dizer que, nesse sentido, a *polêmica* é instrumentalizada: ela se torna estratégia discursiva, um construto voltado para a manutenção da circulação das informações e, por conseguinte, das próprias mídias envolvidas. Dito de outro modo, a encenação da *polêmica*

¹³ Aqui cabe destaque para a Truth Social, mídia social construída por Donald Trump como resposta ao seu banimento das plataformas Facebook e Twitter, devido aos discursos polêmicos do ex-presidente americano.

agora pode ser considerada *encenação encenada*, ou, mais especificamente, uma *encenação contracenada*¹⁴.

Considerações finais

A partir do exemplo da *polêmica*, diremos que as *relações interdiscursivas agonísticas* se apresentam como um grande *locus* de problemáticas para a pesquisa dos discursos sociais. Principalmente porque colocam em evidência diversas *querelas discursivas* que pressupõem uma ameaça às identidades dos sujeitos e também dos discursos dentro de determinado campo. Nesse sentido, podemos dizer que elas se nos apresentam como “jogos de trincheira” (semelhantes ao futebol americano: ataque, defesa e força bruta na busca pelo avanço de jardas) nos quais os “jogadores” usam de inúmeros movimentos para deslocar, enfraquecer, derrubar e derrotar o adversário. O matiz violento dessas “jogadas” não deve deixar de ser evidenciado, pois essa “destruição” dos alvos visa, por vezes, à própria imagem do sujeito (sua voz, sua corporificação, sua história) e à sua posição dentro de campo (seu *status*, seu poder institucional e discursivo).

Devemos insistir: a ideia de *conflito* aqui discutida faz com que ele se constitua como elemento estratégico no estabelecimento do sentido, ou melhor, do verdadeiro, do verossímil e do provável, ao mesmo tempo em que põem, em evidência, as instituições envolvidas (ou seja, a mídia *versus* a política, a ciência *versus* a religião, o mercado *versus* o governo, a política *versus* a religião, entre outras) que poderiam resolver (e, muitas vezes, assim o fazem) as suas disputas por meios jurídicos (o que, de certo ponto de vista, ainda é um modo discursivo) ou armado (deveras não desejado), mas que, através dos discursos, tentam se impor umas às outras, até mesmo do lado de dentro, num amálgama que não deixa de ser conflituoso na origem¹⁵.

Referências

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

ARISTÓTELES. *A retórica*. São Paulo: Edipro, 2011.

¹⁴ E aqui podemos atribuir todos os sentidos de *contracenado*, como, por exemplo, a existência de diálogos simulados, em segundo plano, ou mesmo, paralelos à encenação principal (Houaiss, 2009).

¹⁵ E como diria Muad’Dib sobre a questão religiosa: “É impossível evitar a ação da política dentro de uma religião ortodoxa. *Essa luta pelo poder* permeia o treinamento, a educação e o disciplinamento da comunidade ortodoxa. Por causa dessa pressão, os líderes de uma comunidade como essa inevitavelmente têm de enfrentar a questão interior suprema: sucumbir ao oportunismo absoluto para se manter no poder ou correr o risco de se sacrificar em nome da ética ortodoxa.” (Herbert, 2017, p. 512, grifos nossos).

BAKHTIN, M. M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. p. 261-306.

BAKHTIN, M. M. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b. p. 85-106.

BARTHES, R. A retórica antiga. In: BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2019. p. 3-100.

CHARAUDEAU, P. Des conditions de la mise en scène du langage. In: DECROSSE, A (ed.) *L'esprit de société*. Liège: Mardaga, 1993. p. 26-27.

CHARAUDEAU, P. Tiers, où est-tu? À propos du tiers du discours. In: CHARAUDEAU, P.; MONTES, R. *La voix cache du tiers des non-dits du discours*. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 19-41.

CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. *Reflexões para a análise da violência verbal*. Tradução de Patrícia Reuillard, 2019. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Reflexoes-para-analise-da,362.html> Acesso em: 24 abr. 2024.

CORBETT, E. P. J; CONNORS, R. J. *Retórica clássica para o estudante moderno*. Campinas-SP: Kírion, 2022.

FLORES, V. N. et al. (orgs). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

HERBERT, F. *Duna*. 2 ed. vol. 1. São Paulo: Aleph, 2017.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

MAINGUENEAU, D. Discurso. In: CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Campinas, 2004a. p. 168-172.

MAINGUENEAU, D. Interdiscurso. In: CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Campinas, 2004b. p. 286-287.

MAINGUENEAU, D. Polêmica. In: CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Campinas, 2004c. p. 379-381.

MAINGUENEAU, D. Posicionamento. In: CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Campinas, 2004d. p. 392-393.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004e.

MAINGUENAEU, D. *Gênese do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENAEU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAUTNER, T. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Edições 70, 2011.

MELLO, R. Teatro, gênero e análise do discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 87-106.

PLANTIN, C. Gênero retórico. In: CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Campinas, 2004. p. 254-255.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA PEREIRA, M. H. *Estudos de história da cultura clássica*. Vol.1 (cultura grega). 11. ed. rev. atual. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 177-190.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.14>

Submetido em: 27/07/2024

Aprovado em: 09/09/2024